



GT 24. Construções biográficas como narrativas do protagonismo indígena

Coordenador(es):

Ana Flávia Moreira Santos (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Rita de Cássia Melo Santos (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Há algumas décadas o debate sobre protagonismo e “agency” vem se destacando na Antropologia, sobretudo em relação às populações indígenas. Se, por um lado, propostas vinculadas a esse movimento resultaram em uma mudança de perspectiva nos modos como essas coletividades são pensadas, por outro persiste uma dificuldade em compreendê-las como parte integrante e fundamental das múltiplas formações políticas brasileiras existentes nos períodos colonial, imperial e republicano. A outrificação e a externalidade desses grupos continuam a ser etnográfica e teoricamente produzidas, muitas vezes contrariamente à sua própria colocação política. Trata-se, em muitos casos, da manutenção de um certo exotismo, que teima em subsistir na Antropologia. Este GT pretende, ao inverso, reunir trabalhos que permitam apreender o protagonismo indígena em diferentes tempos e escalas, por meio de biografias e de modalidades associadas a essa forma narrativa (trajetórias, relatos autobiográficos, histórias de vida, etnobiografias). A escolha pelo gênero biográfico busca destacar os múltiplos trânsitos dessas populações, reconstruindo seus horizontes de possibilidade e ação a partir de situações concretas, presentes e passadas. Às contribuições teóricas do campo da Antropologia somam-se as reflexões da História, da Sociologia, dos Estudos Literários, num esforço de promover uma compreensão mais ampla do protagonismo indígena.

?É as histórias da nossa raiz?: reflexões sobre narrativas (d)e trajetórias sateré-mawé nas cidades amazônicas

Autoria: José Agnello Alves Dias de Andrade (FGV-EAESP - Escola de Administração de Empresas de São Paulo)

Nesta apresentação exponho algumas reflexões, realizadas em minha tese de doutorado, a partir de minha interlocução com indígenas Sateré-Mawé habituados a levar a vida entre constantes deslocamentos pelas aldeias e cidades na região amazônica. Trago à discussão alguns elementos a mim apresentados por meus interlocutores em suas narrativas relacionadas às trajetórias de distintos coletivos de parentes sateré-mawé, tomadas como parte do conjunto de experiências acionadas para a construção sua experiência vivida. As narrativas de meus interlocutores sobre os caminhos que levaram seus antepassados e a si próprios a ?andar por aí? e a habitar as cidades, de modo geral, reencenavam trajetórias dando-lhes tons épicos, enfatizando o enfrentamento de situações de exploração, humilhação, preconceito, adoecimento e perseverando sobre condições de pobreza, fome, desabrigo e opressão. Frente a esta realidade inescapável, não seria difícil, portanto, realizar uma descrição destas trajetórias de vida focadas nos eventos e sentimentos que fizeram e fazem da vida destas personagens uma ?luta?. Todavia não são tais episódios que dão o tom a estas narrativas, estando eles submetidos aos modos pelos quais seus personagens agiram de forma a dar continuidade a uma ?caminhada? cuja continuidade era vista como um atestado da ?força? do povo sateré-mawé e que lhes possibilitava, sem pestanejarem, reivindicarem para si a alcunha de ?guerreiros?. Tal diferença de perspectiva, ênfase e enquadramento, que acredito dar o principal tom das narrativas históricas que meus interlocutores contaram, desdobram-se na percepção de que o tom implicado nessas narrativas presta-se, também, a alocar o foco da agência que leva de um evento a outro pairar sob as ações e intenções de seus personagens indígenas. Longe de qualquer sugestão de dirimir a importância de episódios de



sofrimento experienciados por meus interlocutores, ou de negar os efeitos de processos macro-políticos-econômicos característicos ao projeto colonialista de inserção das populações indígenas em posição subalternas na esfera das relações capitalistas - sendo sua migração para as cidades uma de suas atualizações -, imprimir às suas narrativas histórias está tonalidade enquanto fundamento seria escapar à sua própria apreensão do processo histórico em que estariam envolvidos, o que operaria um silenciamento do protagonismo que os Sateré-Mawé apontam reivindicar ao atribuírem sentidos ? e objetivos - às transformações pelas quais se vêem passando ao se engajar de modo ativo ? mesmo que às vezes tido como inescapável ? com os agentes, coisas, saberes, paisagens e modos de ser/fazer que, a princípio, seriam característicos ao mundo dos brancos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: